

A GEOGRAFIA NOS CURSOS SUPERIORES DE TURISMO

Ms. Dione Rossi Farias¹

RESUMO: O estudo do turismo tornou-se bastante ampliado tendo em vista as publicações a seu respeito e o crescimento rápido e elevado dos cursos superiores, onde a Geografia faz parte do currículo destes. Neste sentido, abordam-se algumas reflexões sobre o ensino e a Geografia enquanto disciplina no Turismo, ao mesmo tempo em que identificou-se as instituições de ensino superior que atualmente possuem curso de Turismo no Estado do Rio Grande do Sul.

PALAVRAS-CHAVE: turismo; geografia; cursos de turismo.

Introdução:

A conceituação para o Turismo aceita internacionalmente provém da Organização Mundial, que aborda aquele como a soma de relações ou de serviços, resultantes de um câmbio de residência temporário e voluntário, motivado por razões alheias a negócios ou profissionais (Moesch, 2000).

O estudo do Turismo evoluiu com esforços em pesquisa e ensino de forma semelhante ao processo de cientificidade já ocorrido em outras áreas das ciências humanas e sociais, como a Geografia, a Antropologia, a Sociologia e outras. Um corpo de conhecimentos se criou com métodos, teorias e suposições de outras áreas, delineando parâmetros com seus componentes e dimensões característicos para o Turismo (Rejowski, 2002 b).

Dentro dos sistemas educacionais o ensino para o Turismo deve ater-se à produção e difusão de conhecimento, pois é uma área de construção recente e, por isso, com muitos pontos a serem discutidos, levando em conta as condições de competição mundial e exigências próprias (regionais, nacionais) de cada sistema (Trigo, 1993). O ensino, em um esforço interdisciplinar, apóia o Turismo que utiliza a Geografia, enquanto ciência dos indivíduos e da natureza, para formação do profissional Turismólogo.

A Geografia é uma ciência que estuda o espaço como um sistema de objetos e ações, ou seja, é uma ciência que não estuda o espaço em si, como podem crer alguns, mas que analisa "as coisas que estão no espaço", os objetos (naturais e sociais) e as pessoas nas suas relações com o

¹ Mestranda em Geografia na Universidade Federal de Santa Maria, RS.

meio natural e humanizado ao mesmo tempo (Carvalho, 2001).

Os conhecimentos geográficos, transmitidos através do ensino, são indispensáveis à formação de indivíduos participantes da vida social à medida que propiciam o entendimento do espaço geográfico e do papel desse espaço nas práticas sociais. A finalidade da atividade turística são as relações de utilização do espaço geográfico pelos homens, como produtores ou consumidores da prática social turística.

Salienta-se que alguns temas que constituem o objeto da Geografia são instrumentos conceituais que interessam à abordagem do universo do Turismo e pode-se dizer que se tem uma Geografia que se aplica ao Turismo. Originado de pesquisa referente à parte da dissertação do Mestrado em Geografia, este trabalho se propôs a identificar as instituições de ensino superior que possuem Curso de Turismo, com habilitação para o Bacharelado no Estado do Rio Grande do Sul, e abordar algumas reflexões sobre o ensino e a Geografia no Turismo.

Os Cursos de Turismo no Brasil e no Rio Grande do Sul

Com base em Rejowski (2002 b) a necessidade de mão-de-obra qualificada para atuar nas empresas e órgãos turísticos brasileiros gerou ofertas de ensino em Turismo no nível técnico e superior. O treinamento técnico passa a não ser suficiente para realizar as tarefas, surge, então, a necessidade de formação de profissionais de modo aprofundado e abrangente, instigando a capacidade crítica e criativa, através dos Cursos no nível de Graduação.

No Brasil, o primeiro Curso Superior em Turismo foi criado em janeiro de 1971, na Faculdade de Turismo do Morumbi, em São Paulo (Rejowski, 2002 a; Trigo, 2000). Pode-se observar que a Geografia se enquadra já na primeira proposta de conteúdo para o currículo fazendo parte das disciplinas para formação básica, e assim com o currículo disciplinado, surge uma linha curricular voltada para a pesquisa e outra para o mercado (Ansarah, 2002).

Atualmente, segundo dados do INEP (2005), o número total de Cursos Superiores em Turismo no Estado do Rio Grande do Sul é de 16 porém, somente 15 cursos estão em funcionamento (Quadro 1), correspondendo a 13,5 % da quantidade total de 90 Cursos Superiores em Turismo na Região Sul do Brasil. No Estado de Santa Catarina o INEP possui cadastro de 34 Cursos de Bacharelado em Turismo e, no Estado do Paraná 41 cursos.

Pode-se observar no Quadro 1 que 8 cursos ainda não foram reconhecidos pelo Ministério da Educação, pois não fecharam oito semestres para sua integralização ou, ainda, estão

em processo de legalização, ao passo que os 7 demais cursos já fecharam este prazo e foram reconhecidos por portaria ou decreto. A partir do ano de 1999 até 2004 houve um aumento significativo na quantidade de cursos, o que só vem a comprovar a importância do turismo.

Quadro 1: Relação das Instituições de Ensino Superior que possuem Curso de Turismo no Estado do Rio Grande do Sul e respectivas condições destes.

Algumas atividades de ensino e alguns procedimentos metodológicos são pertinentes aos Cursos de Turismo no Brasil. Os processos de formação dos currículos são baseados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação para o Ensino Superior - LDB (LEI N. 9.394, de 20 de dezembro de 1996), em via de regra, a qual regula a educação vinculada ao trabalho e a prática social.

De acordo com Mota (2003) a área de educação em Turismo e/ou Hotelaria se submete a políticas normativas, norteadoras e regulatórias ditadas por vários organismos oficiais e por documentos, com diferentes graus de responsabilidade e ação na questão do ensino, como a ABBTUR – Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo, a CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e a EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo e, principalmente, as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação Turismo e em Hotelaria.

Segundo a Faculdade Integrada da Bahia (1999), cada Curso de Turismo possui suas diretrizes curriculares específicas que determinam que se crie um espaço próprio para o tema, na dinâmica e estrutura da instituição. Para tanto, a análise de suas disciplinas e a escolha da forma adequada de contribuir pedagogicamente passa pela compreensão dos objetivos do curso, das demandas culturais e educacionais que o determinaram e do engajamento dos professores num projeto coletivo de formação sócio-cultural e de ações de fomento à produção técnica – científica.

Uma característica do ensino em Turismo no Brasil é o aumento recente e quantitativo dos cursos de nível superior e, o surgimento de cursos relacionados com a área, suprimindo a necessidade de especialização e segmentação. Porém, tal característica acaba apresentando alguns problemas como falta de professores, de prática profissional e falta de literatura específica (Batista, 2004).

O Currículo e a formação de disciplinas

O currículo se organiza sob diversas definições, significados e perspectivas. Resultado de

muitas diferenças institucionais, epistemológicas e culturais, pode-se afirmar que possui uma função social, pois é parte de um plano educativo sob determinado formato e busca uma interação entre a teoria e a prática na educação escolarizada (Sacristán, 2000).

A concretização das funções da escola e a forma individual de enfocá-las, para cada momento histórico e social, em cada nível de educação, é descrita pelo currículo. Este desempenha distintas missões em cada nível educativo, assim como reflete as diversas finalidades desses níveis, transformando suas metas em estratégias de ensino (Sacristán, 2000).

O currículo escolar é relativo e provisório, dada sua característica histórica, pois existem determinantes culturais e sociais em sua constituição. Neste contexto, o conhecimento é selecionado, avaliado e organizado em função de um equilíbrio de interesses e forças conflitantes na sociedade, representando a utilidade e o valor para cada Curso oferecido nas instituições educacionais (Santos & Oliveira, 1998; Sacristán, 2000).

Há uma seleção estruturada sob chaves psicopedagógicas da cultura que norteia o projeto curricular da instituição escolar. Para Sacristán (2000) o currículo está organizado como um projeto seletivo de cultura para concretizar atividades escolares, social, política e administrativamente condicionado à instituição que se vincula, a qual em sua expressão psicopedagógica cumpre uma função socializadora e formativa.

Assim, cada currículo possui um formato (planejamento) e é norteado por uma filosofia curricular ou uma orientação teórica, síntese de uma série de posições filosóficas, epistemológicas, científicas, pedagógicas e de valores sociais. Todas estas concepções originam, por sua vez, o campo teórico-prático das disciplinas, onde o conteúdo é condição lógica do ensino (Sacristán, 2000).

Cada corpo de conhecimentos reúne objetos de estudo para ser conceitualizado como disciplina, assim, as disciplinas são constituídas por representações de partes da experiência e do conhecimento humano. O conhecimento disciplinar refere-se a um conjunto de estruturas abstratas e leis intrínsecas que permitem classificações particulares de conceitos dados, problemas e procedimentos de verificação de acordo com os modelos adotados (Santomé, 1998).

Os estudos disciplinares se apóiam numa epistemologia engendrada num processo educacional escolar, estruturado curricularmente, assim, uma disciplina organiza e delimita um território de trabalho e concentra a pesquisa e as experiências dentro de um determinado ângulo de visão (Santomé, 1998, p. 55; Veiga-Neto, 1998). Desta forma, cada disciplina oferece uma

imagem particular da realidade de acordo com seus objetivos.

As disciplinas possuem uma característica mutável, transformam-se e evoluem de acordo com as contingências que modelam, constroem e reconstroem os conhecimentos, e, para tanto, são formadas por conjuntos ordenados de conceitos, problemas, métodos e técnicas, possibilitando a análise e a interação com a realidade, além de sugerir determinadas formas de pensar (Santomé, 1998).

Neste sentido, a construção do conhecimento disciplinar realiza-se mediante uma seleção de conhecimentos significativos e rejeição de outros, e tal atividade seletiva está controlada e dirigida por modelos ou “paradigmas” que organizam o pensamento e a visão da ciência e da realidade. Assim, cada Curso possui o seu projeto político pedagógico, o que não exclui a possibilidade de conflito entre interesses e metodologias (Santomé, 1998).

As disciplinas, mais do que um princípio de ordenamento que se coloca para a escola, são as expressões de uma topologização (prática da escrita que amplia e aprofunda nossas maneiras de pensar e constituir a realidade, materializando a comunicação) do conhecimento, de modo que por si mesmas elas se constituem numa forma de criar sentidos para o mundo. Deste modo, o conhecimento a ser compartilhado nas instituições escolares através das disciplinas têm conseqüências no nível de desenvolvimento pessoal dos indivíduos e em suas estruturas profissionais (Veiga-Neto, 1998; Sacristán, 2000).

Assim, é importante destacar que há uma diferenciação entre a ciência geográfica e a disciplina ou matéria de ensino. A matéria de ensino corresponde ao conjunto de saberes da ciência geográfica convertidos em conteúdos escolares a partir de uma seleção e uma organização dos conhecimentos e procedimentos tidos como necessários à educação em geral, enquanto que a ciência constitui-se de teorias, conceitos e métodos referentes ao seu objeto de investigação (Cavalcanti, 1998).

Considerando as colocações anteriores, observa-se que a constituição de uma disciplina envolve uma série de fundamentos objetivos e subjetivos que formam critérios de seleção inerentes às instituições escolares e aos respectivos cursos aos quais ela pertence. Há um compartilhamento de valores, normas, concepções, e de conhecimento (científico) que vai desde a produção disciplinar até a comunidade a ser atingida pelos objetos de estudo.

Na reunião de objetos de uma dada ciência cada disciplina acaba sendo seletiva, contextualizada no tempo e peculiar às instituições escolares. Assim, o corpo de conhecimentos

acumulado pela ciência geográfica permite o acesso a uma série de conteúdos, distribuídos de acordo com o que determinada disciplina se propõe e segundo o projeto pedagógico dos Cursos.

Ensino em Turismo

O Turismo é uma temática em constante discussão devido ao caráter interdisciplinar no qual ele se insere. Sabendo-se que o Turismo é uma atividade e, como tal, faz parte do setor de serviços, o ensino deve focar não só o fator conhecimento científico para preparar um profissional crítico, mas também se voltar para o mercado de trabalho.

Os paradigmas no campo científico requerem a formação de uma nova visão do ensino em Turismo, também de caráter multicultural, que sirva de sustentação para a diversidade que se coloca na base dos processos criativos (Dencker, 2001). Neste sentido, o ensino deve preparar o aluno para fundamentar as suas ações, ou seja, gerar alternativas que criem soluções a determinados contextos, considerando as mudanças sociais e tecnológicas do mercado.

A autora ainda destaca a importância da construção de um conhecimento específico adequado à realidade turística, uma vez que a adoção de soluções importadas de outras áreas pode acarretar efeitos contrários aos esperados, assim é proveitoso e necessário desenvolver abordagens interdisciplinares. Além disso, nem sempre a lógica que as empresas que atuam no mercado de trabalho impõem é adequada ao turismo enquanto atividade.

Neste contexto, o Turismo deve ser visto como um sistema, ou seja, a interação entre as partes para articular os saberes e ir em direção à cientificidade, antes do “fazer” no campo turístico (Moesch, 2000). Eis a razão para o desafio da construção de uma epistemologia, tida como estudo crítico do conhecimento científico, para adequar os processos de produção científica com a atividade turística.

Para atuar no ensino, a epistemologia para o Turismo deve avançar no dinâmico estudo da realidade turística, investigando fundamentos teóricos já conhecidos como também, novas referências, que busquem uma nova compreensão de caráter científico para o esboço de uma teoria emergente no campo teórico-epistemológico do Turismo. As novas práticas turísticas requerem uma nova visão turística, pois em sua complexidade o Turismo é um fenômeno marcadamente multissetorial em sua produção e interdisciplinar em sua teoria (Moesch, 2002).

Ao realizar um estudo exploratório, Teixeira (2001) verificou a existência de três áreas de ensino em Turismo. Uma área diz respeito ao desenvolvimento de empreendedores, pessoas

capacitadas dentro de uma visão empresarial, a outra área se refere ao treinamento vocacional para o pessoal de manutenção e apoio, como os garçons, atendentes, guias de turismo, etc.

A terceira área, bastante importante e complexa, aborda a educação profissional que geralmente trabalha, no início, com conceitos teóricos e, posteriormente, com a prática turística. Esses profissionais recebem uma formação voltada para o planejamento, a gerência, ou ainda, a pesquisa científica.

Hoje o ensino em Turismo trabalha com conceitos que buscam referenciais para apresentar novos paradigmas, visando, portanto, à formação de competências múltiplas. Para Molina (2003) os conceitos e as práticas da educação em Turismo devem desenvolver habilidades, ou seja, tanto para a pesquisa como para o mercado de trabalho, uma vez que estes recorrem aos recursos humanos quando não podem substituí-los pela tecnologia.

O suporte de tecnologias avançadas é uma plataforma fundamental para as organizações turísticas que, cada vez mais contam com um número menor de trabalhadores, os quais exercem múltiplas funções e, para tal, devem ser formados ou reeducados (Molina, 2003).

O ensino em Turismo mostra dois cenários, segundo Nodari & Luckfield (2002). Em um primeiro momento, a importância de universidades com cursos que ofereçam atividades práticas, através de laboratórios específicos como agência de viagens, de eventos, de prática de alimentos e bebidas, hotel-escola e, também, através de parcerias com o setor privado e público.

Em um segundo momento, as instituições devem ser formadas por professores capazes de identificar o que é importante e útil à vida profissional dos acadêmicos, levando conteúdos para a sala de aula e aplicando-os com metodologias de ensino adequadas à realidade do mercado de trabalho, gerando compreensão, assimilação e crítica por parte dos alunos.

No Brasil, Lemos (2002) afirma que o mercado turístico de trabalho demanda um trabalhador que execute as tarefas necessárias ao contexto social vigente, ao passo que o aluno quer um tipo de ensino onde, após receber seu diploma, ele vai conseguir se colocar neste mercado e, isto influi de maneira decisiva no comportamento que as instituições de ensino superior deverão ter em relação ao ensino.

Diante destas condições, o ensino em Turismo terá de se envolver com as tendências que percorrem da teoria à prática no estudo dos temas, considerando as realidades locais, regionais e mundiais. As instituições de ensino devem atuar no sentido de definir os enfoques curriculares para sistematizar a relação ensino/aprendizagem e ciência/mercado da forma mais adequada ao

contexto sociocultural vigente.

A Geografia no Turismo

As relações entre as ciências afins englobam um esforço interdisciplinar. A partir desta afirmação de Seabra (1984) podemos inferir que a Geografia, enquanto ciência dos indivíduos e da natureza, se apropria do turismo, enquanto setor de serviços, assim como o Turismo se apropria da Geografia para a construção epistemológica, tornando-o fenômeno de estudo científico, além de ser uma atividade.

Considera-se que o aluno ao se inteirar com os desdobramentos conceituais e instrumentais da Geografia que lhe cabe, enquanto disciplina e ciência dos Cursos de Turismo, deve agregar as mesmas necessidades daquele aluno que estudou a Geografia em um curso universitário, ou seja, uma licenciatura ou bacharelado para formação de Geógrafos.

No entanto, sabe-se que um curso de graduação em Geografia possui duração média de quatro anos e que, por isso, não é comparável com uma ou mais disciplinas da ciência geográfica para a graduação em Turismo. Considerando-se o número de horas-aula restrito neste caso é preciso, sem dúvida, trabalhar com as questões mais importantes da Geografia e concernentes à profissão do Turismólogo. Assim pode-se perguntar: há uma Geografia no Turismo? Tentar-se-á tecer algumas reflexões.

No Brasil todos os Cursos Superiores de Turismo que trabalham com a educação profissional incluem a Geografia como parte de suas grades curriculares, o que prova a estreita relação entre Geografia e Turismo desde os anos 70 quando surgem os primeiros estudos geográficos do fenômeno turístico (Rodrigues, 2001 a). Assim, a Geografia é uma das disciplinas que fazem parte da formação básica no ensino em Turismo.

Almeida (2001) revela uma preocupação quanto ao papel exercido pela Geografia no ensino para o Turismo. Segundo este autor, o estudo da Geografia para o futuro Turismólogo deve vincular-se às reflexões sobre os efeitos do turismo no espaço e a relação dos conteúdos deve dar ênfase às contribuições da ciência geográfica, simplificando as realidades locais.

A Geografia estuda o turismo como uma expressão espacial da atividade humana, em variadas escalas, mundial, regional, local, etc, focando as áreas de emissão e recepção de turistas e a ligação entre elas. Desta inferência pode-se afirmar que os componentes geográficos do turismo são três: as áreas emissoras, os destinos ou áreas receptoras e as rotas viajadas entre as

áreas emissoras e receptoras (Boniface & Cooper, 1994).

Nesse sentido é importante considerar o fluxo de turistas entre regiões porque permite que os componentes geográficos sejam vistos como um sistema total e não uma série de partes desconectadas. Os fluxos turísticos são interações entre áreas influenciadas por fatores de atração no destino e de repulsão na área de origem do turista, como tempo, custos, distância, ligações sociais, culturais ou políticas e atração por motivações variadas.

O objeto final de estudo da Geografia no Turismo (ou do Turismo) é o planejamento e a gestão do espaço turístico. Pearce (*apud* Schlütler, 2000) assinala que se conta com seis amplas áreas que compõem a Geografia do Turismo, contemplando tanto a Geografia Física quanto a Geografia Humana:

1. Distribuição espacial da oferta
2. Distribuição espacial da demanda
3. Os pólos turísticos
4. Movimentos e fluxos turísticos
5. Os impactos do turismo
6. Os modelos de desenvolvimento do espaço.

Castrogiovanni (1998), compreende que a paisagem turística é formada pela oferta, ou seja, a soma de bens e serviços turísticos, e vê naquela a razão para o estudo que a Geografia pode oferecer ao Turismo. Também para Rodrigues (2001 a e b), a compreensão dos elementos do espaço turístico passa pela noção de paisagem, abordagem centrada no sujeito e na percepção humana, e o outro caminho passa pela captação da dinâmica do espaço, decorrente de sua forma, estrutura, função e processo.

Para estudar o espaço turístico nas disciplinas de Geografia, Rodrigues (2001 a) propõe as categorias de análise espacial, de acordo com Milton Santos (1985)². A forma é a primeira delas e diz respeito à paisagem, resultante do dinamismo diacrônico espacial, que apesar de ser expressa por um objeto (forma) fixo é dotada de ação. A segunda categoria é a função, expressa por uma tarefa ou atividade de cada elemento num determinado momento do processo espacial, no caso do turismo, oferta e demanda.

A terceira categoria de análise espacial é a estrutura que expressa a rede de relações entre todos os elementos da oferta e todos os elementos da demanda e da população autóctone. A

última e quarta categoria corresponde ao processo que dá conta das ações e interações de todas as outras categorias, forma, função e estrutura, num movimento diacrônico do tempo social, que no turismo se refere aos atrativos turísticos.

Sob o ponto de vista da ciência geográfica, o Turismo é uma temática que vem emergindo dentro das diferentes perspectivas teóricas do conhecimento geográfico. A tendência é que o turismo seja focado como uma atividade econômica que propicia a produção e a comercialização de uma mercadoria com diferentes preços e valores culturais: a paisagem (Sposito, 2001; Desjardins, 2004).

Sob a perspectiva de que o Turismo é um agente do espaço geográfico, Desjardins (2004) propõe uma modificação nos planos de ensino dos Cursos de Graduação em Geografia, e para tal considera que existem razões para a incorporação da temática do turismo no Bacharelado e na Licenciatura de Geografia:

La importancia de la Geografía del Turismo en la formación del graduado en Geografía y en Turismo tiene su fundamento en la indisolubilidad existente entre territorio y turismo. No existe acto turístico sin una base espacial soporte de la actividad (p. 3).

Sabe-se que turismo não é somente uma atividade comercial de otimização de serviços para o visitante, mas possui um sentido de percepção cultural de um espaço. Para Chacon (1995/1996) isto é fundamental para entender o sentido do estudo da Geografia e as lógicas implicações na conformação atual das paisagens.

Rodrigues (2001 b) demonstra que os conteúdos geográficos trabalhados nos Cursos Superiores de Turismo, com muita frequência buscam mapear os espaços turísticos já consolidados como destinos importantes ou em estado de potenciais turísticos, tentando até mesmo estabelecer tipologias para esses espaços no mundo todo.

Outras abordagens, às quais Rodrigues chama de Geografia turística, ocorrem em todas as escolas acadêmicas do mundo, focalizando noções básicas de Geografia Geral e do país em questão, em linhas clássicas, e abordando a descrição dos fenômenos em detrimento de sua análise e interpretação. Esta Geografia é descritiva e locacional com um viés naturalista, servindo como suporte de informação dos lugares e atrativos turísticos.

A Geografia do Turismo serve para alimentar e irrigar a reflexão na Geografia, diz a autora, e a reflexão geográfica trás compreensão para o fenômeno turístico porque percorre outras áreas com significativas incidências espaciais. Atualmente, a Geografia objetiva a análise e

interpretação do espaço turístico e está muito atrelada às questões ambientais.

O interesse pela Geografia do Turismo é crescente no Brasil e podemos verificar isso nos inúmeros eventos que abordam a temática da Geografia no Turismo e o Turismo na Geografia, como o Encontro de Turismo com Base Local e o Congresso Brasileiro de Geógrafos de 2004, e também nas dissertações e teses³ em número já significativo.

No Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo foi introduzida uma disciplina no Curso de Graduação em Geografia, chamada “Geografia do Turismo”, revertendo as situações até agora encontradas e multiplicando, dentro em breve, os estudos de Geografia “do Turismo” (Rodrigues, 2001 a e b) e acrescentando-se, “no Turismo”.

Considerações Finais

A partir das afirmações feitas no decorrer do texto, entende-se que os conceitos mediam a leitura da realidade através dos conteúdos. Há, portanto, um estudo de conteúdos organizados e selecionados a partir das tematizações propostas pela ciência geográfica e pelas condições sócio-culturais vivenciadas por alunos e professores. Assim, é necessário produzir uma aproximação com as realidades locais, regionais ou nacionais em estudo.

As disciplinas de Geografia no ensino em Turismo devem elaborar um olhar geográfico, uma visão espacial para a realidade, onde haverá uma análise, uma interpretação e uma (re) construção desta. O amplo objeto de estudo da Geografia, o espaço natural e humanizado e suas inter-relações, permite aos cursos de Turismo uma gama de opções para escolha dos conteúdos a serem trabalhados.

A escolha destes conteúdos geográficos deve levar em conta não só a lógica dos mercados, mas também a necessidade de pesquisa para toda a gestão do turismo enquanto atividade. O ensino da Geografia deve se adequar à realidade do turismo e não necessariamente a realidade que compõe o pensamento geográfico atual, pois ele vai auxiliar um caminho percorrido entre a teoria e a prática turística.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, José Guilherme de. O ensino de Geografia nos cursos superiores de Turismo. Caderno UniABC, São Paulo, Santo André, n. 15, p. 19-30, 2001.

³ Quem aborda este assunto é Mirian Rejowski, em Turismo e pesquisa científica. São Paulo: Papirus, 1996.

BATISTA, Camila Soriano. Formando bacharéis nos cursos de Turismo. Revista Eletrônica de Turismo (Retur), vol. 03, n. 01, maio de 2004. Disponível em: <<http://www.presidentekennedy.br/retur/>>. Acesso em: 09 set. 2004.

BONIFACE, Brian G. & COOPER, Chris. An introduction to the geography of tourism. In: _____. The geography of travel and tourism. 2nd. ed. Butterworth – Heinemann, Oxford, 1994.

CARVALHO, Orlando Albani de. Geografia, Geopolítica e conflitos no século XXI. Confederación Intersindical Galega, Chile, Santiago, novembro, 2001. Disponível em: <<http://www.galizacig.com/index.html>>. Acesso em: 11 fev. 2005.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Por que Geografia no Turismo? In: GASTAL, Susana (Org.). Turismo: 9 propostas para um saber-fazer. [s. l.]: Edelbra, p. 113 – 124, 1998.

CAVALCANTI, Lana de S. Geografia, escola e construção de conhecimentos. Campinas, Papirus, 1998.

CHACON, Ruben Farias. Reflexiones acerca de algunos fundamentos geoculturales en la interpretación del turismo internacional. Revista Geográfica de Valparaíso, Universidad Católica de Valparaíso, n. 26-27, p. 119-123, 1995/1996.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. Metodologia científica. In: Trigo, L. G. Godoi (Org.). Turismo. Como aprender, como ensinar. 2.ed. São Paulo: SENAC, p. 257 – 284, 2001.

DESJARDINS, Nelly Salvatierra de. La temática del Turismo en la curricula de la licenciatura y profesorado en Geografía. Universidad Nacional de Tucumán, 2004. Disponível em: <<http://www.estudosturisticos.com.br/conteudocompleto.asp?idconteudo=2764>>. Acesso em: 25 jul. 2004.

Faculdade Integrada da Bahia. Coordenação Acadêmica do Curso de Turismo. Atividades Técnicas de Ensino, Procedimentos Metodológicos. FIB, Salvador (Ba), 1999. Disponível em: <<http://www.turismo.fib.br/normas1.htm>>. Acesso em: 30 set. 2004.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS (INEP). **Consulta da oferta do ensino superior por curso**. 2005. Disponível em: <<http://www.educacaosuperior.inep.gov.br>>. Acesso em: 03 jan 2005.

LLEIDA, José María de La Poza. El Turismo, su concepto. In: ____ . **Estructura industrial turística**. Barcelona, Espanha: Oikos-Tau, 1993.

MOESCH, Maruschka M. Para além das disciplinas: o desafio do próximo século. In: Gastal, S. (Org.). **Turismo investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002. (coleção turismo).
____ . **A Produção do Saber Turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.

MOLINA, Sergio. **O pós-turismo**. Tradução Roberto Sperling. São Paulo: Aleph, 2003. (série turismo).

MOTA, Keila Cristina Nicolau. Concepção de um planejamento sustentável da educação superior em Turismo e Hotelaria no Brasil. **Revista Turismo em Análise**, ECA, USP. São Paulo: Aleph, n.2, v.14, p. 90-102, novembro, 2003.

NODARI, Luciana & LUCKFIELD, Wieland. Universidades comprometidas com a educação... **Revista Eletrônica de Turismo – Retur**. 2.ed. Campo Largo: Paraná, 2002. v. 01, n. 01, Maio de 2002. Disponível em: <<http://www.presidentekennedy.br/retur/edicao01/artigo04.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2004.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002 a.

____ . **Turismo e pesquisa científica**. 6. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2002 b. (coleção turismo).

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2001 a.

____ . Geografia do Turismo: novos desafios. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi (Org.). **Turismo**. Como aprender, como ensinar. 2. ed. São Paulo: SENAC, 2001 b. p. 87 – 122.

____ . (Org.). **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. 1999. 2. ed. São Paulo: Hucitec.

SPOSITO, Eliseu Savério. A propósito dos paradigmas de orientações teórico-metodológicas na Geografia contemporânea. In: Paradigmas da Geografia, parte I, **Revista Terra Livre**, São Paulo: AGB, n. 16, p. 99 – 112, 1º semestre / 2001.

SACRISTÁN, Gimeno J. O currículo: uma reflexão sobre a prática. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade**: o currículo integrado. Tradução Cláudia Schilling. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda, 1998.

SANTOS, Lucíola L. de C. P. & OLIVEIRA, Maria R. N. S. Currículo e didática. In: OLIVEIRA, Maria R. N. S. (Org.). **Confluências e divergências entre didática e currículo**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998. p. 9 – 32.

SANTOS, Milton. Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1985.

SCHLÜTER, Regina G. **Investigación en Turismo y Hotelería**. Argentina: Centro de investigaciones y estudios turísticos, 2000.

SEABRA, Manoel F. G. Geografia (s)? **Revista Orientação**, São Paulo, Instituto de Geografia, USP, n. 5, p. 9 – 17, 1984.

TOLEDO, Geraldo Luciano et. al. Gestão do turismo no contexto do planejamento estratégico regional: estudos de casos latino-americanos. **GEOUSP – Espaço e tempo**. São Paulo, n. 14, p. 21 – 30, 2003.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo e qualidade**: tendências contemporâneas. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1993. (coleção turismo).

_____. **Viagem na memória**: guia histórico das viagens e do turismo no Brasil. São Paulo: Editora SENAC, São Paulo, 2000.

TEIXEIRA, Rivanda Meira. Ensino Superior em Turismo e Hotelaria no Brasil: Um estudo exploratório. **Turismo em Análise**, São Paulo, n. 12, v. 02, p. 07 – 31, nov. 2001.

VEIGA-NETO, Alfredo. Conexões... In: OLIVEIRA, Maria R. N. S. (Org.). **Confluências e divergências entre didática e currículo**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998. p. 101 – 130.

